

Feminismo e resistência: três décadas de construção discursiva pelo jornalismo

Feminism and resistance: three decades of discursive construction by journalism

Ruth Reis

Doutora em Comunicação pela UFRJ, com estágio de pós-doutorado em Comunicação no Instituto Universitário de Lisboa, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), na área de Jornalismo, e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. Coordenadora do grupo de estudos em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi-Ufes). Superintendente de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo (2020-atual). Email: ruth.reis@ufes.br, ruthdosreis@gmail.com

Viviane Ramos Machado

Mestre em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo na Ufes (2015). Atua na área da Comunicação Social, como gerente de Comunicação na Clarke Energia (2020-atual). Atuou como editora-adjunta e repórter do Portal G1 no Espírito Santo (2013-2020) e como professora na FAESA (2019-2020). Interesses em Tecnologia, Marketing Digital, Análise do Discurso, Jornalismo Online e Jornalismo de Dados. Email: vivianermachado@gmail.com

Resumo

Os rastros da história das lutas das mulheres e do movimento feminista estão inscritos no jornalismo, que institui as questões numa ordem discursiva particular e assim contribui para a constituição dos sentidos que circulam no social. Dois objetivos principais foram constituídos neste trabalho: 1) identificar de forma preliminar aspectos discursivos presentes nos conteúdos jornalísticos sobre esses temas em três décadas de cobertura jornalística do jornal A Gazeta (ES), e 2) explorar métodos de investigação dos discursos em grandes bases de dados com ferramentas digitais, que permitam iluminar fenômenos comunicacionais e sociais em linhas temporais mais longas. Tomamos como fundamento teórico o conceito de discurso proposto por Foucault, que destaca sua dimensão dispersiva e fragmentada. As mais um mil matérias selecionadas para esta pesquisa revelam marcas das formações discursivas que sustentam a compreensão sobre as lutas das mulheres e o feminismo que ganham a esfera pública por meio do jornalismo.

Palavras-Chave

Movimento feminista; jornalismo; discurso; história; metodologia

Abstract

The traces of women's struggles and the feminist movement history are inscribed in journalism, which institutes the issues in a particular discursive order and thus contributes to the constitution of the meanings that circulate in the society. Two main objectives were constituted in this this research: 1) to preliminarily identify discursive aspects present in the journalistic content on these topics in three decades of journalistic reports of the newspaper A Gazeta (ES), and 2) to explore methods of investigating discourses in large databases with digital tools, that allow to illuminate communicational and social phenomena in longer timelines. We take as a theoretical foundation the concept of discourse proposed by Foucault, which highlights its dispersive and fragmented dimension. The more than a thousand journalistic content units selected for this research reveal marks of discursive formations that support the understanding about the women's struggles and the feminism that are inserted in the public sphere through journalism.

Keywords

Feminist movement; journalism; discourse; history; methodology

Introdução

Antes da emergência e massificação das mídias sociais, os jornais eram os meios prioritários pelos quais os movimentos sociais ganhavam a esfera pública. Hoje, mesmo diante do alargamento de oportunidades de manifestação e em meio às transformações que atravessa com a emergência da comunicação digital, o jornalismo ainda desfruta de importante papel, mantendo-se como um campo dotado de autoridade para a constituição da agenda social. A produção jornalística institui e enquadra os mais diferentes temas a partir de suas práticas e modos específicos de narrar. Embalado pelo fortalecimento das lutas pelos direitos humanos e das minorias, as lutas das mulheres e o movimento feminista mais especificamente vêm, nas últimas décadas, ganhando novos contornos e mais espaço na agenda pública.

Os rastros dos percursos das lutas das mulheres e do movimento feminista estão inscritos em diversos jornais, que, com seus procedimentos discursivos específicos de seleção e textualização, organizam as questões de modo particular e contribui para a formação e compreensão do mundo. Autodesignado e reconhecido como reproduzidor dos fatos de uma realidade dada, segundo um regime de verdade legitimado e legitimador, o jornalismo constitui um discurso de autoridade (ZELIZER, 1993); RODRIGUES, 2001; ALSINA, 2009; SCHUDSON, 2011; ROXO e MELO, 2018). Inserido nesta moldura, as lutas das mulheres e o movimento feminista nem foram tratados com generosidade pelo campo do jornalismo. Este tanto contribui positivamente para visibilidade desse tema quanto para sua incompreensão e produção de imagens estereotipadas das feministas e de seus esforços para colocar em evidência as situações de desigualdade vividas historicamente pelas mulheres, mesmo aqueles veículos situados num campo progressista (BUIIONI, 1986; ZIRBEL, 2007; VELOSO, 2013).

Em busca da compreensão dos rastros discursivos do jornalismo sobre as lutas das mulheres e sobre o movimento feminista nas últimas três décadas, selecionamos uma parte do acervo do jornal A Gazeta, de Vitória- ES, a respeito do tema para constituir nosso corpus de pesquisa. Com seus 95 anos de existência, A Gazeta se notabilizou como o principal veículo de comunicação no Espírito Santo na segunda metade do século XX e pode ser considerado um exemplar representativo do jornalismo no Brasil, pelos procedimentos técnicos e organizacionais que adota. Desde setembro de 2019, o grupo detentor do jornal¹ encerrou a circulação de suas edições impressas, mas o título A Gazeta continua seu percurso, embalado no modelo tecnológico contemporâneo de integração de mídias, que reúne produção textual, de áudio e vídeo num portal, na web, o agazeta.com.br.

O avanço das tecnologias digitais não nos legou apenas novas práticas comunicacionais, mas também grandes e detalhados acervos armazenados em bancos de dados digitais que abrem novas oportunidades de investigação e aumentam as chances de iluminar os fenômenos comunicacionais e sociais ao proporcionar pesquisas de maior abrangência temporal, como é o caso da tratada neste artigo. A Gazeta possui o maior acervo de produção jornalística do Espírito Santo, organizado e parcialmente digitalizado, o que também motivou a escolha desse jornal. No momento do levantamento dos dados, no ano de 2016, a digitalização já atingia 100% do acervo do período de 1986 a 2016.

Se por um lado os bancos de dados digitais facilitam a reunião das informações e criam novo horizonte para as pesquisas, por outro trazem novos desafios metodológicos, devido à quantidade de informações que podem ser agregados e analisados. Esta pesquisa, portanto, cumpre um duplo papel: o de realizar uma primeira leitura e interpretação dos discursos

¹ Liderado pela família Lindenberg, o grupo Gazeta é proprietário de jornais, rádios e televisão (afiliada à Globo) e G1 ES.

engendrados pelo jornal A Gazeta sobre as lutas das mulheres e o movimento feminista em três décadas e, ao mesmo tempo, o de colocar em prática procedimentos metodológicos que favorecem análises em *corpora* de maior monta.

Para alcançar o objetivo proposto, nos servimos de metodologias digitais em todas as etapas do projeto. A coleta de dados foi realizada com os softwares Tark e Shell²; a análise quantitativa dos dados foi feita com o Tableau Public³ (JONES, 2014), que proporciona a criação de visualizações a partir de dados quantitativos, e a análise dos textos, com o Voyant Tools⁴ (ROCKWELL; SINCLAIR, 2016), software livre, disponível em ambiente web, e destinado a análise de *corpora* extensos, com diversos recursos de mineração de textos.

Numa primeira parte deste artigo, apresentamos uma análise quantitativa do corpus, que nos dá um panorama abrangente de como o tema se fez presente no jornal A Gazeta, em que editorias foi abordado e a distribuição anual das matérias ao longo do período pesquisado. A segunda parte é dedicada à análise dos aspectos textuais, a partir da frequência de palavras, da correlação entre elas e da inserção no contexto das matérias. É um estudo que se vale de recursos estatísticos e lexicométricos com vistas a construir uma compreensão abrangente do *corpus*.

As duas partes acima mencionadas se conectam e se influenciam, permitindo elaborar questões para outras etapas de pesquisa a serem desenvolvidas futuramente. Consideramos que os dados quantitativos abrem caminho para uma perspectiva qualitativa, que avança para o campo da análise do discurso e da descoberta dos sentidos que se fazem presentes no conjunto lexical reunido em sua operacionalização pelo campo jornalístico, a partir das formações discursivas que mobiliza.

1. Aspectos teórico-metodológicos

Tomamos como vetor para esta pesquisa a conceituação de discurso como dispersão, tal como definido por Foucault (2008). Para ele, discurso compreende elementos que não são ligados por um princípio de unidade, mas por “séries lacunares e emaranhadas, jogos de diferenças, de desvios, de substituições” que formam, entretanto, um acontecimento único e singular. Discurso, portanto, “é um conjunto de enunciados que se apoia num mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p 127). Esse sistema, Foucault denominou de formação discursiva, um conceito que até os dias atuais tem sido apropriado como operador metodológico importante para a compreensão das trocas comunicacionais. Formação discursiva congrega objetos, conceitos, estratégias e modalidades enunciativas, além dos temas colocados em circulação pelos falantes, instalados num mundo marcado pelo poder. Mesmo que esses componentes variem no tempo e no espaço, eles promovem formações discursivas sempre que passam a “constituir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações)” (FOUCAULT, 2008, p. 48).

A primeira e, por certo, uma das fases decisivas desta pesquisa é a composição do corpus, que se dá a partir de palavras-chaves, visado à obtenção das unidades informativas (notícias, reportagens, artigos ou notas) que versam sobre o tema escolhido. As palavras, desta forma, atuam como índices que nos remetem a um conjunto textual significativo, colocando-se como a dimensão material possível de ser capturada para uma jornada posterior de compreensão dos componentes discursivos que as colocam em conjunção. O corpus provém

² Softwares criados e administrados pelo Centro de Documentação (Cedoc) da Rede Gazeta, onde está armazenado todo o conteúdo veiculado pelos jornais A Gazeta e Notícia Agora. O acesso a esse repositório foi autorizado pela direção de jornalismo da Rede Gazeta, com supervisão da coordenação dos Cedocs.

³ <https://public.tableau.com>

⁴ <https://voyant-tools.org>,

de um período que vai de 1986 a 2016, formado por matérias publicadas nas páginas do jornal A Gazeta, disponíveis na base de dados do jornal, sobre as lutas das mulheres e o movimento feminista.

A definição dos termos foi precedida de pesquisa bibliográfica sobre os movimentos de mulheres no Espírito Santo (NADER, 2013; RANGEL, 2011; MARIANO e MARTINS, 2017), na qual foi possível identificar palavras e expressões relevantes para a composição do corpus. Após mapeados, esses termos foram divididos em dois grupos: um que aponta para a retórica da luta, tais como: feminista, empoderamento, movimento feminino, movimento de mulheres, libertação da mulher e emancipação da mulher; e outro que indica o espaço de atuação regional, ancorado em nomes de ativistas, grupos feministas, eventos e datas relacionadas ao tema.

Ressalte-se que mesmo não abarcando todos as matérias publicadas, a totalidade de textos selecionada responde ao mesmo critério de pesquisa, que é conter em qualquer parte do texto (título, subtítulo ou corpo do texto) a palavra ou expressão pesquisada, o que constitui um corpus rigoroso e adequado aos objetivos da pesquisa. A busca percorreu todo o conjunto de editoriais do jornal, o que nos coloca diante de enquadramentos diversos que respondem à segmentação temática e contextual estabelecida pelo jornal.

O resultado das buscas foi analisado manualmente a fim de conferir se as unidades informativas correspondiam ao objetivo da pesquisa. Como o propósito era mapear as lutas feministas e os discursos que constituem a mulher como sujeito, não foram considerados matérias de rotina e gerais sobre atividades ou fatos apenas por envolverem mulheres ou que tivessem mulheres como fontes, mas aquelas que apresentassem afinidade com a temática presente no problema de pesquisa. Os temas relacionados ao feminismo e às lutas das mulheres aparecem de forma direta ou transversal nessas matérias, muitas vezes, diluídos e articulados com outras questões, mas cada uma das unidades selecionadas versam ou tangenciam as causas femininas ou feministas, discutem identidade, direitos e a condição da mulher na sociedade. Ao final, foram selecionadas 1.029 matérias, com aferição de autoria, data e editoria, tendo sido possível recuperar todos os textos completos.

A segunda fase da pesquisa corresponde à análise propriamente dita, na qual se buscou compreender e contextualizar historicamente o conjunto de matérias, por meio de metadados de cada unidade informativa, identificando-se a quantidade de textos por ano e a inserção no contexto do jornal. Os dados sobre autoria foram desconsiderados, por se mostrarem incompletos e inconsistentes para análise. Em seguida, foi possível explorar o conjunto textual mapeando principais eixos temáticos, as causas defendidas, as formas de identificação entre outras questões que mostraremos a seguir, por meio da análise de frequência absoluta e relativa de palavras, da co-ocorrência de termos, bem como das palavras em contexto. Para esta fase, foram utilizados os softwares Tableau Public e Voyant Tools.

2. Organização das mulheres e feminismo no ES

A exemplo do que se desenrolou no Brasil, a luta pelo voto feminino na década de 1920, foi o movimento que inspirou e impulsionou um grupo de mulheres do Espírito Santo a se envolver com a causa feminista, criando, em 1933, a “Federação Espírito-Santense pelo Progresso Feminino e a União Cívica Feminina de Cachoeiro de Itapemirim, sul do ES, em 1933” (HAHNER, 1981; NOVAES, 1999). Essas primeiras organizações são as respostas iniciais das mulheres a uma sociedade dominada pelo poderio masculino. Depois de um intervalo longo, rarefeito e com poucos registros históricos, a atuação das mulheres capixabas é retomada a partir da década de 1970. Desta vez, em lutas mais gerais, a partir do incremento da urbanização, que, no Espírito Santo, é marcado pela instalação de grandes projetos

industriais bancados pelo capital estrangeiro e estatal brasileiro. Os bairros periféricos que se formam na Grande Vitória passam a contar com a atuação da Igreja Católica que, através das suas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), organiza as mulheres na Região Metropolitana para lutas relacionadas a moradia, educação e infraestrutura urbana. O feminismo ainda não se mostrava presente nesses movimentos. “A palavra feminismo dava medo. Ser feminista, para algumas pessoas, ainda nos nossos dias, parece ser uma mulher diferente, agressiva, ameaçadora” (MARTINS, 1996, p. 57).

Somente na década de 1980 as causas específicas das mulheres voltam a se fortalecer, o que coincide com a retomada dos movimentos sociais que marcam os últimos anos da ditadura militar no Brasil, encerrada em 1985. Um dos marcos foi a fundação do Centro Integrado da Mulher (CIM), em 1984, em Vitória, que reunia principalmente mulheres de classe entre suas lideranças. O CIM conquistou, em 1986, a Delegacia da Mulher, e colocou como pauta de luta a constituição do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, criado somente em 1997⁵. Nos anos de 1990, o CIM perde força, mas outros grupos começam a se organizar⁶. Em 1992, surge o Fórum de Entidades de Mulheres Organizadas do Estado do Espírito Santo, que se aproxima das mulheres camponesas, reunidas em torno do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e estimula a luta das mulheres negras, que passam a ter organizações específicas, como o Grupo Mulheres Negras Capixabas.

Nos anos que se seguem, entrando para o século XXI, as mulheres fortalecem suas lutas, atuando em diversas frentes – partidos, sindicatos e movimentos sociais e populares – e dentro de conselhos criados em níveis estadual e municipal. As capixabas buscaram conexão com movimentos nacionais e internacionais, tendo participado da IV Conferência Internacional da Mulher, promovida pela ONU, na China, ainda em 1995, o que lhes abriu os horizontes e ampliou as frentes de luta (MARTINS, 1996). Também buscaram uma atuação nacional com participação na 1ª Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras, em 2002. Este foi um marco importante na definição de uma pauta de lutas das mulheres mais ampliada e nacionalizada. Nesse período diversos coletivos de mulheres se formam ampliando o campo de ação⁷ das lutas feministas e avançando das pautas endereçadas apenas ao estado a outras que apontam para a dimensão cultural da sociedade, em torno de questões como a violência, o estupro, direito ao corpo e ao aborto entre outras.

3. A descoberta das questões da mulher e do feminismo pelo jornal A Gazeta: timeline, editoriais e enquadramentos

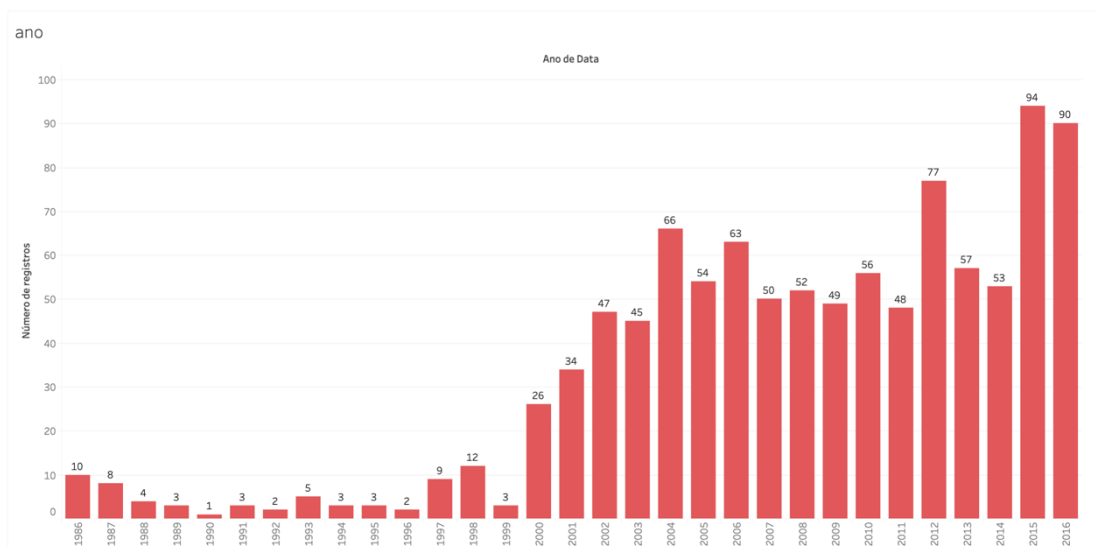
Ainda que no Espírito Santo as lutas feministas tenham sido retomadas nos anos de 1980, os registros sobre o tema só começam a aparecer com mais vigor nas páginas do Jornal A Gazeta a partir dos anos 2000. Até então, coloca-se como questão marginal figurando em um número reduzido de unidades jornalísticas: de 1986 a 1999, foram encontradas apenas 68 matérias e entre os anos 2000 a 2016, 961.

⁵ Disponível em <https://bityli.com/godec>

⁶ A exemplo da Amus (Associação de Mulheres Unidas da Serra), Amucabuli (Associação de Mulheres de Cariacica Buscando Libertação), UCM (União Cachoeirense de Mulheres), UBM-ES (União Brasileira de Mulheres do Espírito Santo) e a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) - MULHER. (MARTINS, 1996).

⁷ Daniela R. Oliveira enumerou 37 entidades do movimento feminista que atuam no ES, entre 2003 e 2016. (OLIVEIRA, 2019)

Gráfico 1 - Conteúdos publicados pelo Jornal A Gazeta com temáticas relacionadas ao feminismo



Fonte: Gráfico gerado em Tableau Public pelas autoras ⁸

O Gráfico 1 descreve uma linha do tempo que evidencia o avanço dos temas mulher e feminismo na agenda jornalística de A Gazeta, no período pesquisado. É possível constatar um ganho de relevância dessas questões em nível regional, à medida em que os movimentos de mulheres agregavam força e ampliavam suas lutas. Observa-se um corte muito significativo na virada do século, que demarca a ascensão mais efetiva desses temas. De 2000 até 2016, estão concentrados 93,4% dos textos levantados. Nesses 17 anos do século XXI, observa-se uma linha ascendente que vai de 2000 e 2004 e outro crescimento a partir de 2015.

Na história do movimento feminista, o ano 2000 foi marcado pela emergência de um novo momento do feminismo. Foi nesse ano que surgiu a Marcha Mundial das Mulheres, movimento internacional que reuniu mais de 5 mil grupos de mulheres de 159 países contra a pobreza e a violência sexista (MIKLOS E CUNHA, 2016). No Jornal A Gazeta, a Marcha foi tema de conteúdos publicados em notícias sobre manifestações do grupo no Espírito Santo⁹ e em artigos de opinião. Os dados de 2015, por sua vez, coincidem com o novo incremento do movimento feminista, principalmente com a efervescência do ativismo feminista na internet, com a eclosão da campanha divulgada por meio das *hashtags* #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto, em que muitas mulheres relataram situações vividas de assédio sexual e moral. Também nesse ano, foi aprovada a Lei do Femicídio, que torna esse tipo de homicídio crime qualificado e de caráter hediondo (Lei 13.104/15), um marco nas lutas das mulheres.

Esse quadro nos levou a dividir a análise dos textos em duas partes: uma abrangendo o período de 1986 a 1999, em que a cobertura é menor e mais rarefeita, e outra no período que vai de 2000 a 2016, com número de unidades jornalísticas relevante. Também justifica essa divisão a constatação de que há nesses dois períodos características diferentes dos movimentos de mulheres, que se projetam tanto no âmbito quantitativo quanto qualitativo. Até os anos 2000, a construção das lutas das mulheres se estrutura em torno de questões sociais mais gerais, como constata Sarti (2004), fato também observado no ES. A autora atribui essa particularidade às características da luta política no Brasil, que forjaram a necessidade de uma atuação mais ampla diante da urgência de enfrentar a ditadura militar e os processos de desigualdades econômicas e sociais no país. Nesse período, as mobilizações e

⁸ Versão interativa do gráfico disponível em <https://bitly.com/U1BGS>

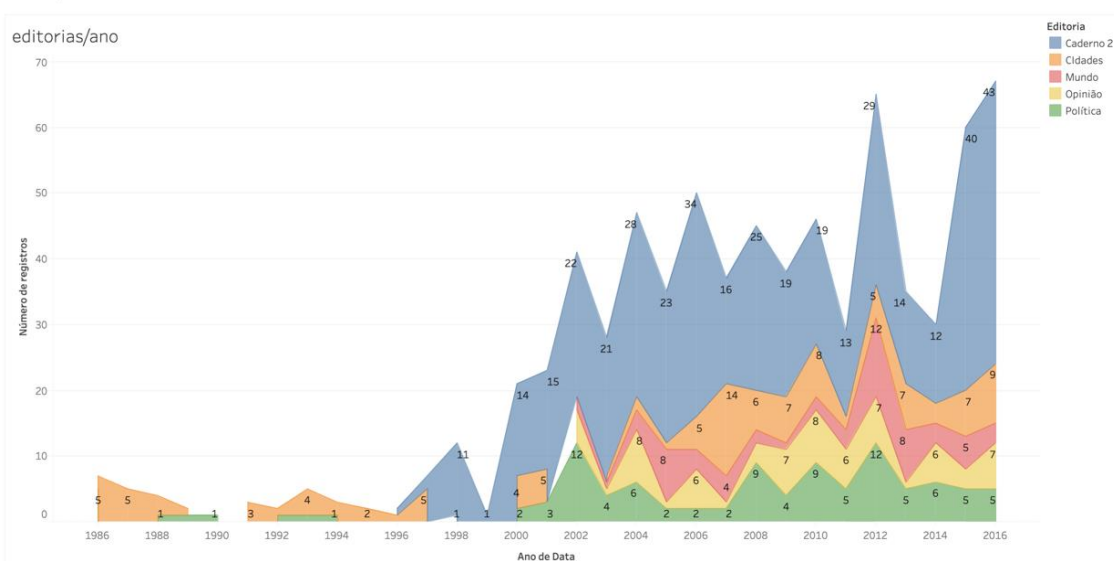
⁹ A página do Grupo Marcha Mundial das Mulheres no ES, no Facebook, reúne mais de 500 inscritos. Disponível em <https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresES/>

ações das mulheres são reconhecidas apenas como “movimentos de mulheres” (OLIVEIRA, 2019) e se apresentam engajadas em temas como violência, saúde, questões ligadas à família e à moradia.

3.1 - O ângulo das editorias em dois momentos

É principalmente pela via dos temas do entretenimento e da arte que são pautados os assuntos relacionados às lutas das mulheres e do feminismo no jornal A Gazeta. A maioria das matérias – 402 textos (39%) – foi publicada pela editoria Caderno 2, que abarca, principalmente, as informações sobre produção cultural e artes. Em seguida, aparecem as editorias de Cidades, que trata dos assuntos cotidianos, com 112 textos (10,8%); Política, com 105 (10,2%); Opinião, com 64 (6,21%); e Mundo, com 60 textos (5,8%). Os demais 286 estão distribuídos em outras editorias.

Gráfico 2 - Ocorrência das questões sobre mulher e feminismo nas editorias



Fonte: Gráfico gerado em Tableau Public pelas autoras ¹⁰

No Gráfico 2, que revela a ocorrência de menções ao tema nas cinco editorias com maior número de matérias, observa-se que, até os anos 2000, são as editorias de Cidades e Política as responsáveis por trazer as informações às páginas do jornal, permitindo inferir que o enquadramento do tema é mais político e institucional, o que foi confirmado pela verificação dos títulos das matérias do período, que versam, por exemplo, sobre políticas públicas, ações governamentais, decisões partidárias e organização das entidades e das lutas. Também apresentam caráter local, uma vez que ambas as editorias se dedicam prioritariamente à cobertura de assuntos da cidade e do estado.

A partir de 1996 até o final do período analisado, é a editoria de cultura (Caderno 2) o espaço preferencial para o abrigo das matérias que tratam da questão mulher e do feminismo. Essa descoberta permite construir inferências tanto sobre as particularidades do jornalismo e sua distribuição temática no interior da publicação quanto sobre a própria natureza das lutas feministas. O Caderno 2 do jornal A Gazeta, além de divulgar os temas das artes e a programação da agenda cultural, também dava espaço para reportagens sobre assuntos diversos com interface na cultura contemporânea, como é o caso dos comportamentos sociais. O surgimento dos temas femininos nessa parte do jornal demonstra a permeabilidade da editoria para esses assuntos e também a contribuição do campo artístico e do entretenimento

¹⁰ Versão interativa disponível em: <https://bityli.com/pYxBa>

nesse debate.

Gráfico 1 – Word cloud formada com palavras chaves entre 1986 a 1999



Fonte: Gráfico gerado em Voyant Tools pelas autoras¹¹

O Gráfico 3, na forma de *word cloud*, apresenta as palavras mais usadas no período. Nessa visualização e na seguinte, visando acessar a camada textual abaixo dos termos mais recorrentes, foram excluídas as palavras mulher e mulheres, homem e homens, pois fazem parte eixo lexical do universo temático escolhido, que predominantemente opõe homem e mulher. A recorrência de algumas palavras e a verificação delas no contexto das matérias encontradas no período de 1986 a 2000 evidenciam os objetos discursivos trazidos à tona, como a questão da violência contra a mulher, a saúde, família, participação da mulher na política, luta pela emancipação feminina, além das referentes a reivindicações levantadas pelo Centro Integrado da Mulher (CIM), como a criação do Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher do Estado do Espírito Santo (Cedimes), ocorrido em 1997¹². A palavra presidente, que se destaca no Gráfico 3, refere-se principalmente às fontes que aparecem nas matérias ou a disputas políticas pela ocupação de cargos em partidos, entidades ou instituições, conforme verificamos analisando o contexto da ocorrência dos termos nos textos jornalísticos. As menções a estado, capixaba e vitória, circunscrevem o universo geográfico das coberturas, apontando para um enfoque mais local, como já apontado na análise das editoriais.

Gráfico 2 – Word cloud formada com os conteúdos do período de 2000 a 2016



Fonte: Gráfico gerado em Voyant Tools pelas autoras¹³

A partir dos anos 2000 até 2016, observa-se um alargamento do espectro de cobertura que deixa de ser apenas local e é contagiado por eventos no Brasil e no mundo. A violência –

¹¹ Versão interativa disponível em: <https://url.gratis/IEncJc>

¹² Lei estadual nº 5533/97

¹³ Versão interativa disponível em: <https://url.gratis/dtVTT>

física ou simbólica – persiste como temática relevante, embora decline na comparação entre os dois períodos, como se verá a seguir. Também é possível visualizar um aumento de ocorrência do adjetivo feminista (ou feministas) e uma redução de frequência das palavras feminino, femininos ou feminina, o que nos remete à constatação de que há uma reversão no processo de identificação das mulheres em relação às suas lutas, ao se assumirem como feministas. Essa mudança é muito significativa, principalmente se considerarmos os complexos processos envolvidos na transformação das atitudes sociais, culturais, comportamentais e linguísticas numa sociedade ainda conversadora.

As menções a livros e filmes revelam algumas modalidades enunciativas (Foucault, 2008) que atuam na composição dos discursos e demonstram que a produção cultural e artística tem peso na conformação e debate do tema feminismo (Gráfico 4). No Caderno 2, de onde provém a maior parte do corpus, como já demonstrado anteriormente, há matérias com diferentes enfoques, que divulgam obras artísticas ou falam sobre artistas e suas visões a respeito do feminismo (ex.: *Rose Marie Muraro: Intelectual, escritora e feminista*, AG – 2005; *A arte e o novo feminismo*, AG - 2015). Já na editoria de Cidades, a segunda em ocorrências nesse período, são noticiadas atividades, como passeatas e concentrações promovidas por mulheres, reivindicações por políticas públicas, denúncias de violência contra a mulher, mudanças nos comportamentos femininos e temas relacionados à maternidade (ex.: *Casamento fica para mais tarde*, AG, 2009; *Psicólogas dizem que mães precisam rever as diferenças na criação de meninos e meninas*, AG, 2007). Também aparece na amostra coletada a polêmica gerada pela questão da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), de 2015, em que foi citada a célebre frase de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.¹⁴

A editoria Mundo, a terceira em ocorrências, traz tanto os sinais do conservadorismo que já se manifestava no cenário das lutas feministas (*Campanha conservadora nos Estados Unidos incentiva a união indissolúvel, que só pode terminar em casos de adultério ou abuso sexual*, AG, 2005), quanto a crescente mobilização das mulheres em eventos, como o grupo Femen, no Fórum de Davos, Suíça (*Críticas ao capitalismo: ativistas ucranianas protestam em Davos* AG, 2012), ou ainda os insultos do ex-presidente presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, contra a jornalista Megyn Kelly, mediadora de um debate ao qual ele desistiu de participar alegando que ela “poderia estar descontrolada por estar menstruada” (*Republicano boicota debate em TV e faz show de autorreferência no mesmo horário*, AG, 2015).

Em Política, encontram-se registros do fortalecimento das lutas das mulheres; o dilema identitário de ser ou não feminista (*Feminista dos tempos modernos*, AG, 2003) e de atividades como a mobilização para a posse da primeira mulher eleita presidente da República, Dilma Rousseff (*Ônibus feminino*, AG, 2010). Também não é incomum encontrar, no jornal, matérias com tom preconceituoso (*Bancada rouge se prepara para o Senado - senadoras eleitas do PT se articulam para ganhar adversários na conversa*, AG, 2002).

É na editoria de Opinião que os temas a favor ou contra o feminismo e as bandeiras do movimento ganham mais corpo e os argumentos se estruturam. Artigos como *O importante agora é a unificação dos movimentos organizados* (AG, 2000), da então deputada estadual Fátima Couzi (PTB); *Brasileiro é contra o aborto* (AG, 2007), do jornalista Carlos Alberto Di Franco; *O perigo da doença do fundamentalismo* (AG, 2014), do teólogo Leonardo Boff; *Faroeste digital* (AG, 2015), do consultor Evandro Millet; *Cultura de quê?*, AG, 2016, do professor Helvécio de Jesus Júnior, trazem análises e posições sobre o enfretamento ao

¹⁴ “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”. BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Experiências vividas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (originalmente publicado em 1949). O tema trazido pela prova do Enem levou a protestos dos conservadores e comemoração por parte dos grupos feministas.

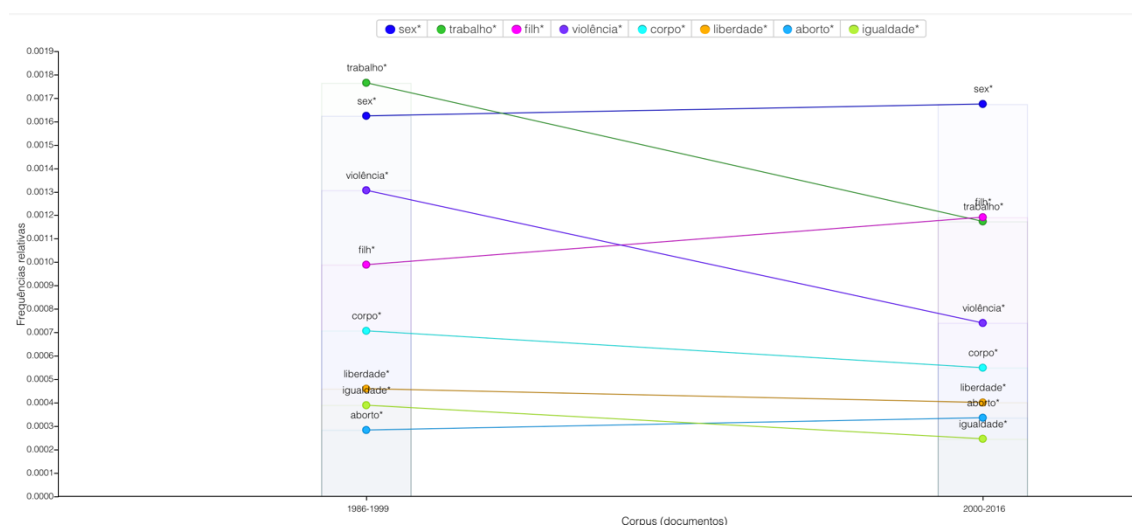
fundamentalismo e ao antifeminismo, a misoginia, o direito ou não ao aborto, as táticas das feministas, entre outras aspectos, contribuindo para a elaboração do pensamento pró ou contra as questões mais caras ao movimento feminista.

3.2 - Análise relacional por frequência em três questões

Após explorar o conjunto de dados e obter essas primeiras análises, elegemos três questões para investigar usando a técnica de análise relacional da frequência relativa de termos, que rotulamos da seguintes forma: (1) “temas feministas”, abarcando alguns mais recorrentes no repertório das lutas das mulheres encontrados no corpus; (2) “territórios de sociabilidade” da mulher, com referência aos espaços disputados pelas mulheres, e (3) as “razões estruturais”, em que buscamos compreender quais pontos são apresentados como fundadores da condição de desigualdade experimentada pelas mulheres.

A técnica de análise relacional permite fracionar o corpus e obter a frequência relativa de palavras em cada uma das partes, gerando métricas que podem ser comparadas e possibilitando a emergência de inferências sobre as questões selecionadas para pesquisa. A frequência relativa corresponde ao percentual de ocorrências das palavras no conjunto textual. A análise relacional oferece resultados importantes mesmo em estratos textuais de diferentes tamanhos, como é o caso do corpus que estamos analisando, uma vez que não considera os valores absolutos, mas a ocorrência relativa dentro de um conjunto. Como já colocado antes, a opção foi fracionar o corpus em dois documentos pelo critério de tempo e características que apresentam. O primeiro documento contém as matérias encontradas entre 1986 a 1999 e o segundo, as matérias de 2000 a 2016.

Gráfico 3 - Frequência relativa de palavras: “temas feministas”



Fonte: Gráfico gerado em Voyant Tools pelas autoras¹⁵

No primeiro bloco de questões, pesquisamos a ocorrência das palavras derivadas dos núcleos sex*, trabalho*, filh*, violência*, corpo*, liberdade*, igualdade* e aborto*¹⁶, buscando traços dos “temas feministas” mais correntes nos textos. A análise relacional do repertório das questões das mulheres e das lutas feministas tratados pelo jornal A Gazeta demonstra uma estabilidade na maioria dessas questões, mas verifica-se uma ligeira mudança na importância dos temas nos períodos pesquisados (Gráfico 5). Os termos trabalho* e

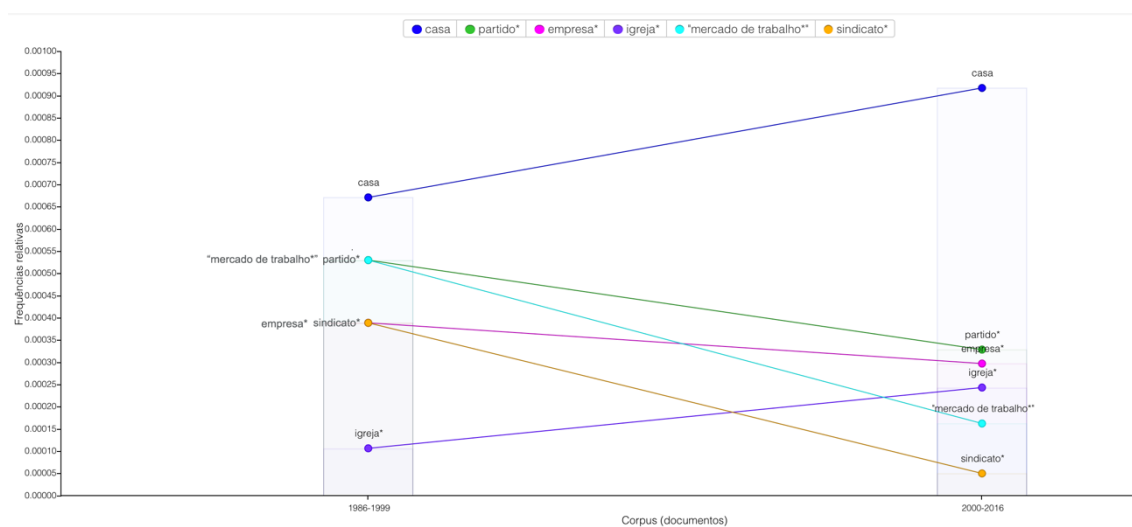
¹⁵ Versão interativa disponível em: <https://bityli.com/BoKYS>

¹⁶ O software Voyant Tools oferece a possibilidade de pesquisar diferentes palavras ou expressões a partir de um núcleo reduzido, técnica denominada lematização. Por exemplo, o núcleo sex* identifica as palavras sexo, sexualidade, sexual, sexuais etc.

violência*, são os que se tornam menos frequentes nos anos 2000-2016 em relação a 1986-1999. Isso ocorre a despeito do incremento dos debates na sociedade sobre a inclusão da mulher no mundo do trabalho, das diferenças nas remunerações masculinas e femininas e dos marcos na luta contra a violência, com a criação da lei Maria da Penha (2006) e da Lei do feminicídio (2015). Pode-se atribuir tal fato a uma redução de interesse sobre o tema por parte do jornal e/ou à predominância da editoria de cultura nesse período, que recorta outras temáticas para compor seu universo de cobertura.

Vê-se também uma redução sutil na frequência relativa dos termos corpo, igualdade e liberdade e um pequeno crescimento nos termos aborto, filhos e sexo ou sexualidade. Os três termos encontram-se geralmente próximos quando o tema é aborto, assunto que também ganhou mais atenção nos últimos tempos seja pela ação do movimento feminista em defesa do aborto, seja pela ação contrária promovida por grupos religiosos.

Gráfico 6 - Frequência relativa de palavras: territórios de sociabilidade



Fonte: Gráfico gerado em Voyant Tools pelas autoras ¹⁷

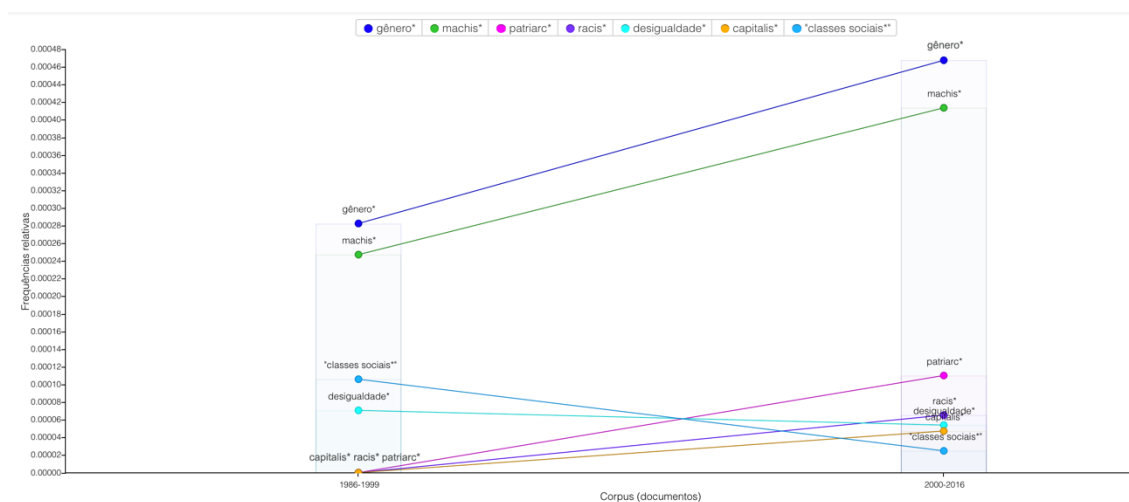
Na busca pelos “territórios de sociabilidade” e de vivência das mulheres (Gráfico 6) nas matérias publicadas pelo jornal A Gazeta, buscamos mapear as menções aos espaços doméstico, do trabalho, da ação política e da religiosidade a partir das palavras casa, mercado de trabalho, partido*, empresa*, sindicato* e igreja*. É possível identificar que a palavra casa aparece de forma predominante nos dois estratos do corpus, seja para falar da rotina, da insegurança, da divisão de tarefas domésticas, seja para referir à violência, que tem a casa como território predominante de ocorrência. Sindicato*, partido e mercado de trabalho apresentam uma variação para baixo no conjunto de textos do ano 2000 em diante. Nos anos anteriores, época em que o protagonismo dos sindicatos era maior e as matérias mais circunscritas ao universo da editoria de Cidades e Política, essas referências eram mais significativas. A palavra empresa permanece estável e quando analisada nos contextos das matérias publicadas vê-se que aparece tanto para mostrar casos de demissão de mulheres e menor custo do emprego feminino, quanto para enaltecer o empreendedorismo com exemplos de sucesso de mulheres executivas.

Igreja é a instituição que ganha mais densidade nos anos 2000. Os textos publicados abordam desde o engajamento feminino nas atividades religiosas ao incremento do espaço das denominações religiosas evangélicas no Congresso Nacional e sua atuação contra a descriminalização do aborto. Também aparecem matérias sobre obras artísticas que contextualizam historicamente as religiões, reivindicações das mulheres por maior

¹⁷ Versão interativa disponível em: <https://bityli.com/gQpox>

protagonismo nas igrejas e até mesmo a defesa de um discurso mais feminista por parte da Igreja Católica, feita pelo teólogo Leonardo Boff, (*Teologia feita por mulheres a partir da feminilidade*, AG, 2013)

Gráfico 7 - Frequência relativa de palavras: razões estruturais



Fonte: Gráfico gerado em Voyant Tools pelas autoras

São raras as reportagens que exploraram as “razões estruturais” da condição de desigualdade experimentada pelas mulheres, terceiro bloco da análise relacional (Gráfico 7). As palavras que mais aparecem e que podem ser atribuídas a essas razões são gênero e machismo, sugerindo que a situação social da mulher encontra motivação na própria condição feminina e na predominância do pensamento da superioridade do homem, expressa em comportamentos machistas. Ambos os termos passaram a ter uma quantidade de ocorrências mais significativo no período correspondente aos primeiros anos do século XXI, demonstrando também uma intensificação no uso por parte das fontes e um acolhimento, pelo jornal, do conceito de gênero. Nesse caso, cabe aprofundar, em análises posteriores, a influência do pensamento construtivista que se fortalece nos anos de 1990 (MACHADO, 1998), deslocando-se da visão determinista biológica para a de gênero como construção social.

As menções a razões que, em geral, são apontadas pela militância feminista – o patriarcado, o racismo e o capitalismo – embora em ascensão, ainda são raras, mas esses termos ganham preferência em relação a “desigualdades” e “classes sociais” que eram mais usados para exprimir a condição de inferioridade da mulher. Patriarcado, racismo e menções ao capitalismo podem ser encontrados principalmente em matérias que divulgam obras científicas ou artísticas, em artigos de opinião e em colunas, conforme análise de contexto de palavras realizado adicionalmente.

Essas preferências lexicais indicam uma compreensão mais específica sobre a questão da mulher, dando lugar por exemplo à condição da mulher negra, que surge com mais frequência, apontando, desta forma, que os fatores de exclusão não são únicos nem universais, constatação que leva várias estudiosas a elaborar o conceito de interseccionalidade, visando abarcar as diferentes formas de discriminação e violência contra a mulher, em especial as desencadeadas pelo racismo e a condição socioeconômica (CRENSHAW, 2015).

Considerações finais

As múltiplas manifestações do discurso em torno das lutas das mulheres e do feminismo presentes no campo do jornalismo produzem sentidos e desempenham papel fundamental nos

processos de subjetivação e na construção da memória. A característica dispersiva do discurso, como propõe Foucault, pode ser percebida na superfície das páginas dos jornais que agregam manifestações de diferentes segmentos sociais distribuídos e em seções temáticas diversas, como foi demonstrado nesta pesquisa. Fazer uma travessia por mais de 30 anos de história de um jornal, buscando percorrer todo o seu variado universo textual é uma tarefa ainda mais desafiadora. Mas talvez seja a que oferece os melhores resultados, pois desta forma, é possível “ler” o conjunto textual em sua dispersão (FOUCAULT, 2008) e reconhecer as regularidades que performam os discursos, os pontos de unidade e convergência que nos permitem perceber permanências e mudanças nos processos de construção de sentidos, a exemplo da identificação dos movimentos políticos promovidos por mulheres como pertencentes ou não às questões feministas.

O corpus analisado apontou traços de como o feminismo foi tecido pelo jornal ao longo dos anos, permitindo compreender que o movimento feminista, com seus variados ângulos teóricos, avanços e recuos, é mostrado como um processo sempre em transformação. É visto pelo jornal principalmente como um movimento político com atuação internacional, que exerce influência sobre os assuntos cotidianos e das cidades, presente nas artes e nos produtos ficcionais de cultura e entretenimento, e que proporciona o debate de opiniões sobre o tema.

É possível verificar que o jornal passou a dar espaço ao tema da mulher e do feminismo à medida que estas questões se avolumavam na sociedade. Nas páginas de *A Gazeta* encontramos diferentes faces do discurso sobre as lutas das mulheres, com receptivos temas, objetos e conceitos que lhes são conectados. Encontramos enunciados engajados nas lutas e movimentos que se autoafirmam como feministas, outros, que se afastam dessa identidade, mas mantêm-se conectados a questões das mulheres de modo mais abrangente. Mas também encontramos enunciados oriundos de formações discursivas machistas, que reproduzem os estereótipos e reduzem o papel da mulher apenas à esfera doméstica, alheios às questões políticas e sociais.

O variado leque de formações discursivas que se articula no interior de uma publicação jornalística enuncia também sobre o próprio campo do jornalismo. Em seu discurso de autolegitimação, o jornalismo distingue fatos de opiniões pessoais, constituindo uma espécie de garantia no contrato entre leitor e produtor da informação de que estará oferecendo o real, coletado com critério na sucessão de eventos cotidianos. No entanto, sabemos que há inúmeras variáveis que influenciam esse processo dito isento de construção da informação. O que nos chega pelas notícias dos jornais é um mundo filtrado, que destaca acontecimentos julgados relevantes por aqueles que produziram a informação, segundo rotinas e procedimentos já estabelecidos pelo campo do jornalismo. Portanto, as leituras que podemos extrair do jornalismo sobre o feminismo e as lutas das mulheres precisam ser compreendidas não o espelho do real, mas como construções discursivas que se colocam em diálogo com outras construções discursivas, compondo assim a compreensão que vamos produzindo sobre questões do presente.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BUITONE, Dulcília, **Imprensa feminina**, São Paulo Ática, 1986

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

- HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- JONES, Ben. **Communicating Data with Tableau: Designing, Developing, and Delivering Data Visualizations**. [s.l.] : O'Reilly Media, Inc., 2014.
- MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 11, p. 107–125, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634467>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- MARTINS, Edna Calabrez. O brilho da metade do céu. In: SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO PMV, **Escritos de Vitória - Movimentos Sociais**. Vitória-ES, 1996, p. 57-69
- MARIANO, Isabela e MARTINS, Edna Calabrez. Enfrentamento da invisibilidade das mulheres, GERALDES, Elen Cristina et al. **Um grito no ar**. Comunicação e criminalização dos movimentos sociais. Brasília - DF: FAC Livros, 2017.
- MIKLOS, Jorge; CUNHA, Maria Aparecida Ledura. Feminismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres. **Líbero**: São Paulo, v. 19, n.38, p. 81-90, jul./dez. 2016.
- NADER, Maria Beatriz. **Paradoxos do Progresso**: a dialética da relação mulher, casamento e trabalho. Vitória-ES: Edufes, 2013.
- NOVAES, Maria Stella De. **A mulher na história do Espírito Santo**: história e folclore. [s.l.]: Edufes, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Secretaria Municipal de Cultura, 1999.
- OLIVEIRA, Daniela Rosa de. **Movimento feminista e Estado**: políticas públicas para mulheres no governo estadual do Espírito Santo (2003-2016). 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais., ES, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/11343>.
- RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. **'Feminismo ideal e sadio'**: os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas, Vitória/ES (1924 a 1934). 2011. 268 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.
- ROCKWELL, Geoffrey; SINCLAIR, Stefan. **Hermeneutica**: Computer-Assisted Interpretation in the Humanities. [s.l.] : MIT Press, 2016.
- RODRIGUES, Estratégias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 2001. 223p.
- ROXO, Marco Antonio; MELO, Seane. Hiperjornalismo: Uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. ID30572–ID30572, 2018. DOI: 10.15448/1980-3729.2018.3.30572. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30572>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 35–50, 2004. DOI: 10.1590/S0104-026X2004000200003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2004000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 fev. 2021.
- SHUDSON, Michael. As notícias como um gênero difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade. In: **Comunicação & Cultura**, n.º 12, p. 139-150, 2011.
- Sinclair, Stéfan, Geoffrey Rockwell and the Voyant Tools Team. 2012. **Voyant Tools** (web application), 2012.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **Gênero, poder e resistência: as mulheres nas indústrias culturais em 11 países**. 341f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife: UFPE, 2013.

ZELIZER, Barbie. **Covering the Body: The Kennedy Assassination, the Media, and the Shaping of Collective Memory**. 1ª edição. Ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate**. 2007. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 maio. 2020.